



INCURSÕES SOBRE A PRÁTICA DO REGISTRO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): (RE)EXISTÊNCIAS E (RE)INVENÇÕES NO/COM DIÁRIO DE BORDO

José Firmino de Oliveira Neto

Priscilla de Andrade Silva Ximenes

Lorena Borges Almeida

1018

RESUMO

O registro cotidiano permite a reflexão de professores(as) em um movimento que deixa marcas, (re)faz histórias e tece memórias de bonitezas e agruras das trajetórias experimentadas. Assim, objetivamos apreender nos escritos-memórias, realizados no transcorrer da disciplina "*Tópicos especiais em Educação Infantil: criança e natureza*", as marcas e as histórias da (des)aventura das aprendizagens da docência. Para tal, desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa, mediante um estudo documental, que tem como instrumento de informação 24 diários de bordo produzidos por futuros(as) professores(as). Os registros (re)criados resultam em um conjunto de palavras-imagens marcadas pela autoria, no qual cada futuro(a) professor(a) tece, a seu modo, as narrativas que experimentaram, fazendo pulsar gentes, espaços, dizeres que ficam incrustados na mente-corpo. Por fim, a prática do registro compreende movimento fértil na busca da práxis e da poiésis geradoras de aprendizagem da docência, que valoriza reflexão e autoria.

Palavras-Chave

Formação de professores(as); Registro; Diário de Bordo; Palavras-imagens.

INVESTIGACIONES SOBRE LA PRÁCTICA DEL REGISTRO EN LA FORMACIÓN DOCENTE: EXISTENCIAS Y INVENCIONES EN/CON EL CUADERNO DE REGISTRO

RESUMEN

El registro diario permite a los docentes reflexionar en un movimiento que deja huella, crea historias y teje recuerdos de las bellezas y dificultades de sus experiencias. Así, buscamos capturar en las memorias escritas durante el curso "*Temas Especiales en Educación Infantil: Niños y Naturaleza*", las huellas y las historias de la aventura de aprender a enseñar. Para ello, desarrollamos un enfoque de investigación cualitativo mediante un estudio documental, utilizando 24 cuadernos de bitácora elaborados por futuros docentes como herramientas de información. Los registros generados dan como resultado un conjunto de imágenes-palabras marcadas por la autoría, en las que cada futuro docente teje, a su manera, las narrativas que experimentó, dando vida a personas, espacios y dichos que se arraigan en la mente y el



cuerpo. En definitiva, la práctica del registro engloba un movimiento fértil en la búsqueda de la praxis y la poiesis que generan enseñanza-aprendizaje, que valora la reflexión y la autoría.

Palabras clave

Formación de profesores; Registro; Cuaderno; Imágenes de palabras.

1019

INVESTIGATIONS ON THE PRACTICE OF RECORDING IN TEACHER TRAINING: EXISTENCES AND INVENTIONS IN/WITH THE LOGBOOK

ABSTRACT

Daily recording allows teachers to reflect in a movement that leaves marks, creates stories, and weaves memories of the beauties and hardships of their experiences. Thus, we aim to capture in the memoirs written during the course "Special Topics in Early Childhood Education: Children and Nature," the marks and stories of the adventure of learning to teach. To this end, we developed a qualitative research approach through a documentary study, using 24 logbooks produced by prospective teachers as information tools. The records created result in a set of word-images marked by authorship, in which each prospective teacher weaves, in their own way, the narratives they experienced, bringing to life people, spaces, and sayings that become embedded in the mind-body. Ultimately, the practice of recording encompasses a fertile movement in the pursuit of praxis and poiesis that generate teaching learning, which values reflection and authorship.

Keywords

Teacher training; Record; Logbook; Word-images.

1 INTRODUÇÃO

A prática de registrar é ação estruturante do trabalho pedagógico na Educação Infantil (EI), que permite a reflexão de professores(as) em um movimento marcante, (re)faz histórias e tece memórias de bonitezas e agruras das trajetórias experimentadas. Enquanto professores(as) das infâncias, atuamos pautados por uma pedagogia da escuta, que nos coloca como buscadores das marcas que caracterizam a aprendizagem, individual e coletiva, das crianças. Além disso, essa escuta nos faz mantermos as orelhas verdes¹ para narrar, relatar, analisar, pensar e pesquisar o cotidiano nas instituições educacionais por intermédio de registros-memórias do fazer-fazendo da docência.

Assim, como rememoram Ostetto, Oliveira e Messina (2001, p. 19):

Registro: palavra de habitar o pensamento. Palavras descrevendo, analisando, marcando experiências vividas. Registro: palavras que narram

¹ Nesse momento fazendo alusão ao poema "O homem de orelhas verdes", de Gianni Rodari.



histórias, tecem memória. Palavras que geram reflexão, avaliação, apropriação de conhecimento, pensamento sistematizado.

Portanto, ao registrarem com múltiplas linguagens, em movimento de pesquisa, professores(as) contribuem para seu processo de formação (Lopes, 2009), historicizam concepções e práticas materializadas nas instituições das infâncias e publicizam as aprendizagens das crianças. Como elucida Wharchauer (2017, p. 92), registrar é deixar “marcas que retratam uma história vivida”, em um movimento que, por sua vez, “[...] dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente” (Freire, 2007, p. 41).

Nesses termos, nosso intuito neste texto é apreender, nos escritos-memórias realizados no transcorrer da disciplina “Tópicos especiais em Educação Infantil: criança e natureza”, ofertada pelo curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), no ano de 2023, os rastros e as histórias da (des)aventura das aprendizagens no *tempoespaço* da formação de professores(as). Aprendizagens que dizem sobre os conceitos centrais da disciplina, mas sobremaneira da prática de registrar e de documentar com autoria, desde a formação inicial, o cotidiano do trabalho docente. Nessa perspectiva, questionamos: registrar com palavras-imagens permitiria tecer novas e oportunas reflexões alinhadas à constituição da identidade docente por entre conhecimentos técnicos, éticos, políticos e estéticos?

Pautamo-nos na hipótese de que o registro em Diários de Bordo, enquanto *lócus* de “[...] moradia da metacognição docente” (Alcântara, 2022, p. 12), constitui instância reflexiva sobre a docência, a partir das trajetórias experimentadas, que podem revelar marcas sensíveis, éticas, poéticas e políticas. Além disso, “para além de uma tarefa a ser executada ou técnica a ser aplicada, o registro diário, compreendido como espaço privilegiado da reflexão do professor, converte-se em atividade vital” (Ostetto, 2012, p. 13), nutrição do cotidiano pedagógico que permite pensar o pensado e, no caso dos(as) futuros(as) professores(as), visibilizar a aprendizagem da docência.

Destacamos ainda a importância de problematizar a docência no ensino superior, enquanto prática desprovida de uma preparação especializada e deliberada, fazendo-se imprescindível a centralidade aos aspectos didáticos e metodológicos para fomentar a aprendizagem e o desenvolvimento profissional dos(as) professores(as) em formação.



Para Almeida (2020, p. 20), a ênfase nos aspectos didáticos e na formação pedagógica especializada poderá “não só contribuir para operar mudanças no saber e no agir profissional, bem como permitirá reconduzir a vertente docente do trabalho acadêmico a um lugar paritário com as demais componentes que caracterizam a profissão”. Ao realizar um estudo, a autora sintetiza que:

o estudo sublinha a atualidade e relevância da temática da formação pedagógica no ensino superior e aponta no sentido de que melhorar o processo de ensino-aprendizagem neste sector passa por investir, de forma intencional, sistemática e coerente, em processos formativos que envolvam os docentes na permanente problematização da prática e na dialética entre teoria e a prática (Almeida, 2020, p. 20).

Assim, acreditamos que as práticas de registro na formação de professores(as) se configuram como possibilidade de produção e de divulgação do saber, bem como, por outro lado, os desafios que se colocam ao ensino superior instigam à problematização do(s) modo(s) como se ensina e se aprende. Neste sentido, concordamos com Rios (2010) na defesa da Didática como Prática Reflexiva, na qual o professor está constantemente repensando suas ações, estratégias e o impacto que elas têm no aprendizado das crianças. Dessa forma, fica enfatizada a importância da reflexão crítica e contínua sobre a prática docente ao levar em conta a complexidade do processo educativo, reconhecendo que o ensino não é uma tarefa simples e linear, mas sim um fenômeno multifacetado que envolve diferentes dimensões, como afetiva, cognitiva, social e cultural.

Para tal, alinhados a Freire (2007), Lopes (2009), Ostetto (2012, 2017), Proença (2021), Rios (2010), Warschauer (2017), entre outros, desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa (Oliveira, 2012), mediante um estudo documental, que “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, [...] entre outras matérias de divulgação” (Oliveira, 2012, p. 69). A fonte de dados para essa pesquisa se constituiu de 24 diários de bordo produzidos por futuros(as) professores(as), que foram analisados de forma descritiva-analítica.

2 A PRÁTICA DE REGISTRO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)

O ato de registrar é imprescindível na prática pedagógica do(a) professor(a) da EI, sendo que essa ação consiste na narrativa reflexiva do trabalho realizado, propiciando a tomada de consciência do que foi e será trabalhado com as crianças, pois, ao registrar é possível a apreensão do que foi significativo para as crianças, o que mediou a aprendizagem e o desenvolvimento.

Ao destacar a importância da formação pedagógica dos(as) professores(as), Pimenta (2019) enfatiza que, além do conhecimento específico em suas áreas de atuação, é fundamental que os docentes possuam uma formação didática que lhes permita ensinar de maneira mais eficaz. Ou seja, a formação contínua e a reflexão sobre a prática são essenciais para a melhoria dos processos didáticos e pedagógicos. Para isso, a autora destaca a necessidade de integrar teoria e prática na educação superior.

Ela defende uma abordagem crítica da didática, de modo que o ensino não se limite à transmissão de conhecimentos, mas envolva a formação de sujeitos críticos e reflexivos. Para isso, a educação superior deve capacitar os profissionais a questionarem, analisarem e transformarem a realidade em que vivem. Assim, corroboramos a defesa de que a didática deve proporcionar a esses sujeitos em (re)(trans)formação a capacidade de desenvolver os conhecimentos teóricos em situações práticas, preparando-os melhor para os desafios do mundo do trabalho e da vida profissional.

Nesse limiar, Madalena Freire, em entrevista a Ostetto e Maia (2023), pondera que o planejamento advém da avaliação do que foi vivido. A avaliação da experiência de aprendizagem começa no diário, nas anotações/registros do que foi dito e vivenciado. Logo, podemos dizer que registrar consiste no processo de avaliar, de refletir sobre a prática pedagógica e sobre as vivências com as crianças, sendo possível, a partir desses novos movimentos de (re)planejamento, ações pedagógicas significativas.

No âmbito do registro, inferimos a urgência pela atividade de escrita, enquanto possibilidade de reflexão crítica sobre o cotidiano experimentado. Como elucida Gramsci (1978, p. 13), toda linguagem “[...] contém os elementos de uma concepção de mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar da maior ou da menor complexidade de sua concepção de mundo”. E ainda, que esse



movimento de descrição e análise pode se desenvolver, em diferentes suportes, a partir de diferentes linguagens.

Neste sentido, retomamos as colocações de Madalena Freire (Ostetto; Maia, 2023), quando aponta que, pensarmos sobre a prática do registro no cotidiano de professores(as) perpassa a formação inicial acadêmica. Assim, do início ao fim da jornada acadêmica do(a) futuro(a) professor(a), o ato de registrar deve se tornar imprescindível, defendendo que este deve ser ensinado a registrar, de maneira que lhe sejam oportunizados fundamentos teórico-metodológicos para vivificar a ação, sobremaneira com vista a registrar e documentar a partir de múltiplas linguagens.

Ademais, a autora defende que o registro seja realizado com a escrita manual do(a) professor(a), já que atualmente, em decorrência das tecnologias que nos cercam, o que fica armazenado em alguns momentos em dispositivos móveis pode comprometer a memória de tal artefato tecnológico e acabar sendo perdido. Acerca dessa acepção, Ostetto e Maia (2023, p. 10) corroboram a pesquisadora dizendo: “é belíssima essa síntese, e defesa, que você fez da escrita como instrumento central, essencial, para a reflexão”.

Neste sentido, ressaltamos que o ato de anotar, de escrever, de pegar no lápis ou na caneta apresenta nuances diferentes ao cérebro, ou seja, o mecanismo da escrita propicia outras sensações ao humano. Alguns podem até pensar que isso é antigo e pouco inovador, no entanto, tem sua beleza e se configura diferente do movimento de teclar com a ajuda de aparelhos eletrônicos. Sobremaneira, escrever possibilita mais tempo ao refletir. No entanto, ponderamos que não menosprezamos a importância da tecnologia, afinal ela nos possibilita também configurar marcas dos percursos, por intermédio, por exemplo, da elaboração de vídeos e fotografias, mas reforçamos que a prática primeira da ação de registrar precisa ser a escrita, e melhor ainda se feita manualmente, reforçando artesanias da docência e garantindo ampliação da atividade reflexiva.

Acrescentamos ainda que, de acordo com Proença (2022), o ato de registrar é uma das possibilidades do(a) professor(a) tomar consciência do papel que assumiu; o registro se constitui em um espaço para se colocar de forma aberta, pessoal, passível de mudanças, autêntica, e, em especial, um lugar para lidar com seus conflitos, dilemas, acertos e erros.

Nessa perspectiva, também alude que o registro promove a conquista, por parte dos(as) professores(as), possibilita novas ferramentas para lidar com a realidade e que se



assumam enquanto autores(as) de sua história. Dessa forma, com o registro promove-se o exercício do uso deste instrumento do(a) professor(a) em busca de sua competência profissional. Assim, considera “a validade e a construção do sujeito-autor no seu processo de aprendizagem e formação, por meio dos escritos memorialísticos” (Proença, 2022, p. 27).

Então, ponderamos que a formação de professores(as) na perspectiva de professores(as)-autores(as) que tem a escrita, o registro como testemunho da sua prática pedagógica, e o utiliza como recurso primordial de avaliação, sendo que o professor(a) que se preocupa e assume o papel de eterno estudante, contudo, pesquisador, tem melhores condições/elementos para narrar, registrar, problematizar, argumentar, interpretar, refletir e comunicar o trabalho desenvolvido em parceria com as crianças.

Como tal, retomamos a natureza técnica, mas também ética, política e estética do registro, dotando essa prática de grande complexidade. Sobremaneira, apontamos a entrega dos profissionais nesse movimento, expondo suas concepções e trajetórias pedagógicas, o que por sua vez, implica uma formação inicial (e continuada) que possibilite a prática de registrar-criar com autoria, dando vez e voz a esses, de forma a concebê-los como intelectuais, que se (re)constituem cotidianamente através de um movimento de pesquisa sobre o seu cotidiano de formação e trabalho.

Ademais, Rios (2010) argumenta que a formação docente deve ir além dos conteúdos técnicos e pedagógicos, incluindo uma forte base ética e humanística, uma vez que os(as) professores(as) devem estar preparados para formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de interagir de maneira ética e responsável na sociedade.

Para tal, Lopes (2009) também toma como pressuposto a concepção de professor(a) enquanto intelectual, quer seja, sujeito historicamente situado, que marcado por suas relações econômicas, políticas e culturais, é produto e produtor da realidade social. E ainda, que enquanto mediador e intelectual defensor de uma atividade de resistência, realiza um exercício de reflexividade crítica, conforme Libâneo (2002), que para além dos preceitos da lógica do capital, apreende o registro como um saber-fazer investigativo. Para Ostetto (2012, p. 13), é esse delinear que permite “[...] apoio e oferece base para o professor seguir sua jornada educativa junto as crianças”.



3 (RE)EXISTÊNCIAS E (RE)INVENÇÕES NO/COM DIÁRIO DE BORDO

A prática de registro através do Diário de Bordo configura-se como um movimento de transparência, que implica, nas palavras de Castell (2022, p. 18), o “desafio particular de pensar a educação a partir da liberdade e da franqueza”, que diz do registro das experimentações a partir de memórias pessoais; que relata as impressões por intermédio de fatos que marcam professores(as), de forma a externalizar sua sensibilidade e ainda, de aceitar-se em (re)construção. Afinal, enquanto sujeitos incompletos, reconhecemo-nos sempre em processo de aprendizagem, transformações essas que, na prática de registrar, tornam-se (in)visíveis. Nessa perspectiva, corroboramos Alcântara (2022, p. 13-14) quando o autor sustenta que nas linhas/páginas de um Diário de Bordo fica evidenciado o fazer docente, e aqui também aludimos que o saber-fazer discente do(a) professor(a) em formação, possibilitando “entra[r] em pleno contato com o seu saber fazer, e o mais delicado, não saberes!”.

Mediante essas incursões, futuros(as) professores(as) foram convocados ao exercício de registrar - com o corpo todo, com criatividade e autoria no bojo da disciplina “Tópicos especiais em Educação Infantil: criança e natureza”. O convite determinava a natureza afetiva, sensível e criativa com que os escritos-memórias deveriam ser tecidos: Registrar, em atividade metacognitiva, com múltiplas linguagens, os percursos apreendidos na disciplina. Assim, mais que a descrição das aulas, a narrativa de aprendizagens da docência que ficam, no corpo (CORAÇÃO), dos estudantes, e que agora significam com seus afetos e conhecimentos (re)elaborados no território da formação inicial.

O convite aflorou saberes-fazeres desses, resultando na elaboração das capas dos Diários de Bordo, essas que ora faziam expor a relação criança-natureza e em outras retomava gostos, memórias e afetos dos(as) futuros(as) professores(as). As capas eram já uma materialidade que anunciava frestas para possíveis e oportunas aprendizagens que, ao transformarem os profissionais em (re)(trans)formação, conseguem evidenciar - entre o real e o ideal... o possível - o ideário pedagógico sobre a docência com as crianças que se renova.

Era, portanto, necessário compreender a Universidade, a aula e as gentes que as mobilizam em atividade de experimentação, percebendo que essa interação - dinâmica contínua e permanente, constitui a chave para aprendizagens individuais e coletivas. Para tal, as atividades incursionadas (leitura e reflexões; vivências em espaços naturais; práticas de



andarilhagem pela cidade; elaboração de fotografias da/com a natureza; realização de ateliês de criação com elementos naturais; visitas técnicas e outras), estão marcadas nos diários com escritos, desenhos, colagens e fotografias afetivos que ecoam desejos e medos sobre a docência, mas também ratificam a marca da disciplina, quer seja, (re)construir-se no coletivo com respeito e parceria, afinal a docência não se (re)faz sozinha.

Em sequência, realizamos análises configuradas em quatro categorias-narrativas, a saber: 1) Da descrição a práxis reflexiva na/com autoria; 2) Materialidades poéticas, rastros dançantes de aprendizagens sobre a docência e 3) Identidade docente em movimento: o(a) professor(a) consciente do inacabamento.

3.1 Da descrição a práxis reflexiva na/com autoria

Nas palavras de Ostetto (2012, p. 12), “a proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica”. Portanto, enquanto uma técnica a ser apreendida pelos(as) futuros(as) professores(as) torna-se necessária e urgente na formação inicial.

Enquanto uma aprendizagem a se (re)fazer, apontamos que os registros diarísticos dos(as) futuros(as) professores(as) revelam a dificuldade destes em romper com uma escrita meramente descritiva e, pouco ou nada, elucidativa. No início da jornada disciplinar é possível localizar registros (verbais e não-verbais) pouco eloquentes sobre as atividades e, consequentemente, aprendizagens oportunizadas:

Aula do dia 22 de dezembro de 2023: *Foi bem complexo conseguir elaborar e responder às questões, mas muito edificante* (Diário de bordo 1, 2023).

Aula do dia 01 de novembro de 2023: *Leitura do texto, produzimos uma síntese imagética acerca do assunto e apresentamos para a turma* (Diário de bordo 2, 2023).

Aula do dia 25 de outubro de 2023: *... Foi uma aula muito boa e produtiva, pois estar em meio às árvores, mesmo em um meio urbano, me trouxe tranquilidade. Porém, comparando com a aula anterior, me senti menos calma, pois o contato com a natureza foi menor* (Diário de bordo 5, 2023).

Assim, corroboramos Lopes (2009, p. 42), quando a pesquisadora elucida que “domesticados pela escola e pela sociedade, vemo-nos, adultos, impedidos de produzir



linguagens diferentes daquela aceita socialmente”. E ainda, que muitas vezes, os profissionais da educação se veem silenciados, em muito, por uma formação inicial que apenas lhes permitia escutar, mantendo-os não apenas silenciados, mas amordaçados, como se falar fosse um crime.

Nessa conjuntura, mediante os registros iniciais, fomos instaurando um movimento de partilha sobre os registros-memórias, na tentativa de valorar sujeitos/falas, bem como seguimos oportunizando atividades de criação que induzem os estudantes a enredos narrativos teórico-metodológicos e afetivos sobre os conceitos trabalhados. De modo que pudessem se perceberem como produtores e autores da disciplina... da sua história de (re)formação docente. Nesse limiar, rememoramos Ostetto e Brito-Silva (2018, p. 187) de que “exercitar a escuta pede tempo, calma, disposição, entrega, mas também demanda imaginação, curiosidade, ousadia e coragem para transitar por territórios desconhecidos”, portanto, os(as) professores(as) em formação se mostram andarilhos curiosos na trajetória da disciplina e, como tal, passam a coletar as minúcias das trajetórias experimentadas sempre em conexão com a sua (re)constituição docente, ampliando seu exercício de registrar.

Como possibilidade de comunicação, os registros foram permitindo, no fazer-fazendo diário, que os(as) futuros(as) professores(as) tomassem sua história para si, aludindo uma escrita como fonte de expressão e pensamento, na qual, mais que a razão, expõe emoção. Portanto, negando a narrativa dos contos de fadas - a mudança num passe de mágica, com muito trabalho e vontade os(as) futuros(as) professores(as) foram se (re)encontrando e permitindo aberturas do sensível em suas narrativas:

Aula do dia 10 de janeiro de 2024: Que felicidade voltar as aulas! Mas mais uma vez cheguei atrasada e perdi o início e quando cheguei minhas amigas da pedagogia [...], estavam desenhando com linhas a memória uma da outra. Na outra rodada apenas que pude participar e com o carvão representar um elemento significativo para mim e da natureza. Mais uma vez me encontrei em desespero! Acho a folha branca desesperadora, porque eu posso fazer o que eu quiser, mas nem tudo que quero eu consigo fazer e também não sou capaz de fazer, é quase a teoria dos figos da Sylvia Plath ... (Diário de bordo 7, 2024).

Nesses meandros, os rastros deixados nos Diários de Bordo vão se (re)configurando como uma possibilidade de retomar o passado, e ainda, “[...] puxar fios do vivido-guardado, com os quais se pode fiar memórias, tecer histórias” (Mello; Ostetto, 2024, p. 296). As histórias de uma trajetória de configuração da identidade docente desses(as) professores(as) em formação e que acabam fazendo salutar as marcas que ousam ficar no corpo (e no coração)



desses, razão e emoção em efervescência, que provocarão sentidos-ações para uma prática pedagógica com as crianças que valorize os processos de registro e documentação pedagógica, mas também uma educação do sensível.

A autoria, muito embora intencionalmente tolhida em diferentes espaços, foi dando lugar a novas aventuras que possibilitaram brincar-criar com as palavras e imagens, na busca pela materialização da práxis. Aqui é oportuno mencionar que nem todos os estudantes conseguiram o mesmo limiar de transformação na/com a escrita, mas se mostraram caminhantes na busca por novas aprendizagens: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”, como diz o poeta espanhol Antônio Machado.

3.2 Materialidades poéticas, rastros dançantes de aprendizagens sobre a docência

Na tentativa de buscar os rastros dançantes - porque em transformação - das aprendizagens sobre a docência nos diários de bordo, retomamos Zabalza (1994, p. 91), quando referenda que “no diário o professor expõe-explica-interpreta a sua ação cotidiana na aula e fora dela” (Zabalza, 1994, p. 91). Nessa conjuntura, os(as) futuros(as) professores(as) tecem narrativas sobre a construção metodológica das aulas, dentro e fora do espaço universitário, demonstrando a necessidade de ruptura com um modelo de ensino-aprendizagem tradicional:

Aula do dia 25 de outubro de 2023: Nesta aula nosso grupo saiu com o capítulo “Espaços escolares e ambientes naturais” e nós fizemos uma breve discussão sobre como as crianças quase não têm acesso à áreas verdes na escola. Isso ocorre devido ao pensamento de que só é possível aprender dentro de uma sala de aula com quatro paredes (Diário de bordo 9, 2023).

Aula do dia 18 de outubro de 2023: Durante a caminhada foi possível observar a natureza presente nos meios urbanos. Foi interessante perceber detalhes de nossa cidade onde, muitas vezes, por consequência de uma rotina exaustiva não nos é permitido apreciar. Coloco em destaque aqui a importância do momento de piquenique para além da confraternização, mas também análise do texto (Diário de bordo 11, 2023).

E ainda, escritos-memórias sobre o contato com materiais e materialidades nas práticas de ateliê:

Aula do dia 10 de janeiro de 2024: Os três desenhos, respectivamente, foram feitos com giz escolar e carvão, foi muito bom a execução e a questão sensorial dos materiais tanto a gramatura do papel quanto as texturas e porosidade do giz e do carvão, criando uma nova relação com o desenho e os materiais” (Diário de bordo 1, 2024).



Revelar, em atividade de escrita, as singularidades das aulas fortificam uma nuance técnica, descritiva da docência, mas que também tem uma dimensão ética e política reveladora de concepções e sensibilidades. Reiteram ainda a capacidade de escuta dos professores(as) em formação, que passam a registrar e a (re)construir pensamentos mediante a apreensão do real, posto que essas ações estão imbricadas ao ato de conhecer, quer seja, dotar de sentido, interação e (re)invenção as práticas pedagógicas experimentadas. Como elucida Lopes (2009, p. 45), “registrar é ler, produzir sentido [...]”.

Nessa trajetória, os futuros(as) professores(as) também (re)constroem narrativas conceituais, dando significado - epistemológico, aos fundamentos (conceitos) da disciplina. Sobre a questão, acreditamos que, quando retomados nos diários de bordo, são expoentes de uma marca que fica, uma aprendizagem que busca se fortalecer e, conseqüentemente, fazer-se prática eivada de teoria em movimentos posteriores de trabalho docente.

Aula do dia 08 de novembro de 2023: Acredito que a presença da natureza na educação infantil brasileira é fundamental. Quando as crianças têm a oportunidade de explorar ambientes naturais, não apenas aprendem, mas também desenvolvem uma conexão emocional valiosa com o mundo ao seu redor. Defendo políticas educacionais que incentivem e sustentem essa abordagem, promovendo um crescimento mais equilibrado e significativo (Diário de bordo 12, 2023).

Aula do dia 13 de dezembro de 2023: Fazer uma educação infantil de maneira crítica e que respeita as opiniões, inteligência e individualidade de pessoas tão pequenas é revolucionário, pois quebra um ciclo antigo em que as crianças são subestimadas (Diário de bordo 20, 2023).

Cabe aqui ressaltar que a dimensão comunicativa dos registros também precisa ser reiterada, na certeza de que os diários de bordo podem se tornar grandes interlocutores dos fazeres sobre/com a iniciação à docência, possibilitando inferirmos com Rinaldi (2012, p. 131), que “existe um passado, aquilo que já ocorreu, mas existe um futuro (ou melhor, aquilo que pode vir a acontecer, ser...)”. A interpretação do vivido que abre frestas para novas experiências de (re)formação docente.

Aula do dia 24 de janeiro de 2024: Que bom seria se ao menos por um dia pudéssemos voltar a ser criança, brincar de ser criança, brincar de ser. Estar, mudar e sentir-se transformar pelas mãos desse mundo. Como grandes bonecos sendo amassados, moldados, molhados e detalhadamente planejados ... (Diário de bordo 11, 2024).

Por fim, com o trecho do diário de bordo 11, inferimos que, na beleza de capturar sentidos/significados, com afeto e sensibilidade, os registros possibilitam a documentação de histórias testemunhadas, como o ateliê com argila, que serve de propulsor para a escrita nesse



caso. Ao construir “canais de ruptura com a linguagem “escolarizada”, tradicionalmente cinzenta, rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças, a documentação é autoria, é criação” (Ostetto, 2027, p. 30), que permite (re)inventar tramas e poetizar os acontecimentos de forma a significar a vida experienciada.

1030

3.3 Identidade docente em movimento: o(a) professor(a) consciente do inacabamento

No que tange aos conhecimentos inerentes ao exercício da docência, Guimarães (2006, p. 18), pondera que:

Além do conhecimento seguro da disciplina que ensina, da compreensão e de certa segurança para lidar com a mediação do processo ensino-aprendizagem, das convicções a serem desenvolvidas em relação ao caráter ético-valorativo da sua atividade docente, vão se agregando outras habilidades afirmadas como necessárias ao desenvolvimento adequado da sua atividade profissional.

Desse modo, esperamos a constituição dos conhecimentos docentes a partir das proposições de Rios (2010, p. 93), a qual reitera que “técnica, política, ética, estética não são apenas referência de caráter conceitual - podemos descobri-las em nossa vivência concreta real, em nossa prática”. Dialogamos aqui com os registros, acreditando que são essas vivências concretas e (re)significadas da prática pedagógica que permitem aprofundar a noção de ética, política e estética na formação de professores(as). Afinal, é um instrumento potente de (re)criação, autoria e reflexão.

Assim, das marcas que ficam, enfatizamos que os diários de bordo são eloquentes ao denotarem as minúcias das aprendizagens sobre a docência, escancarando uma narrativa que tenta (re)afirmar-se crítica e criativa, porque, sensível e engajada, concebe a profissão para além de uma conjuntura técnica. Assim, escritos, desenhos, colagens e fotografias marcam a natureza poética da identidade docente, aludindo uma práxis formativa plural para a docência na Universidade, com adultos-crianças, e na instituição da(s) infância(s) com as crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acreditamos ser necessário frisar que a escrita desnudou professores(as) em formação inicial, na certeza de que, como diz Freire (1996, p. 44): “Mas escrever, registrar não é fácil... Dá muito medo, provoca dores e até pesadelos. A escrita compromete. Obriga o



distanciamento do produtor com o seu produto. Rompe a anestesia do cotidiano alienante”. Como um “trabalho de formiga”, os(as) futuros(as) professores(as), através do diário de bordo, cada um a seu modo, foram assumindo um *lócus* de representação/memória dos objetivos sonhados em coletivo no fazer-fazendo a aula universitária, aspirando a um trabalho com as crianças que revele a relação com os espaços naturais e tome o registro e a documentação pedagógica como eixos estruturantes para (re)planejar/avaliar as experimentações cotidianas.

Portanto, os registros (re)criados no decorrer da disciplina, ofertada em 2023, resultam em um conjunto de palavras-imagens marcadas pela autoria, cada futuro(a) professor(a) tece a seu modo as narrativas que experimentaram, fazendo pulsar gentes, espaços, dizeres que ficam/estão incrustados na mente e no corpo. Dessa maneira, conseguem historicizar as práticas pedagógicas (leituras, andarilhagem pela cidade, ateliês e outros) delineadas e expor percursos não lineares de aprendizagem sobre a docência com crianças, sobremaneira nas tessituras do diálogo sobre criança e natureza na Educação Infantil. Enfim, concluímos que a prática do registro compreende movimento fértil na busca da práxis e da poiésis geradoras de aprendizagem significativa da docência, que valoriza a reflexão (metacognição) e impulsiona a autoria.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos futuros(as) professores(as) matriculados na disciplina “*Tópicos especiais em Educação Infantil: criança e natureza*” pelo empenho e dedicação na (re)elaboração dos Diários de Bordo.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Célia Regina. **Diário de bordo**: dos relatos minuciosos à construção coletiva. São Paulo: Phorte, 2022.
- ALMEIDA, Maria Isabel de. Formação pedagógica e desenvolvimento profissional no ensino superior: perspectivas de docentes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. 01-22, 2020.
- CASTELL, Tereza. Prefácio. In: BORGES, Andréa Lúcia; ALCÂNTARA, Célia Regina. **Diário de bordo**: instrumento de transformação de professores e gestores da Educação Básica. São Paulo: Phorte, 2022.
- FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIMARÃES, Valter Severino. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação no pensamento pedagógico brasileiro. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Anemarie Camargo Todda. **Educação infantil e registro de práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MELO, Geovana Ferreira; OSTETTO, Luciana Esmeralda. A cidade na memória: itinerários de formação estética docente. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Unisul, Tubarão, v. 18, n. 33, p. 293-308, 2024.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eula Regina; MESSINA, Vania da Silva. **Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica**. Campinas: Papirus, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BRITO-SILVA, Gabriela Dalmaz. Arte na formação docente para a Educação Infantil: Procura-se! **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Unisul, Tubarão, v. 12, n. 21, p. 185-203, 2018.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; MAIA, Maria Neusa Valério Guedes. Da necessidade e do desejo de escrever: uma conversa com Madalena Freire sobre observar, registrar e documentar. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 48, p. 1125-1144, jul./dez. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido. As ondas críticas da didática em movimento: resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In: SILVA, Marco; NASCIMENTO, Olívia Costa; ZEN, Giovana Cristina. **Didática: abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 19-64.

PROENÇA, Maria Alice. **O registro e a documentação pedagógica: entre o real e o ideal... o possível!** São Paulo: Panda Educação, 2021.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



RODARI, Gianni. O homem de orelhas verdes. *In*: TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula**: contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.

1033

AUTORES

JOSÉ FIRMINO DE OLIVEIRA NETO. Doutor em Educação em Ciências e Matemática, UFG; Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás; Grupo de Pesquisa Rede de Pesquisadores sobre professores do Centro-Oeste (Redecentro-UFG) e Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (UFF). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0782-2149>. E-mail: josefirmino@ufg.br

PRISCILLA DE ANDRADE SILVA XIMENES. Doutora em Educação, UFG; Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás; Grupo de Pesquisa Rede de Pesquisadores sobre professores do Centro-Oeste (Redecentro-UFG); Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Infância (NEPIE/UFG/RC) e Docência na Educação Básica e Superior (GEPDEBS/UFU). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0683-6285>. E-mail: priscilla_andrade@ufg.br

LORENA LOPES ALMEIDA. Mestrado em Educação, UFG; Professora na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia; Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos (NEPIEC). Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-8232-4004>. E-mail: lorenalorena@ufg.br